

## Fernando Molica

## O STF é supremo, não absoluto

Ao definir que o Supremo Tribunal Federal tem o direito de errar por último, Ruy Barbosa (1849-1923) não concedeu a integrantes da corte o direito de errarem em causa em própria.

A capa preta usada pelos ministros não pode ser encarada como um manto capaz de tornar invisíveis práticas incompatíveis como o funcionalismo público, ainda mais no STF: supremo, mas não absoluto.

A chegada à corte tem que ser um fim em si mesmo, o ápice de uma carreira, não pode sequer gerar desconfiças de que a toga seja uma espécie de biombo que viabilize atividades paralelas.

Estabelecida como teto do funcionalismo, a remuneração de ministros do STF — hoje, de R\$ 46.366,19 — é bem alta para os padrões brasileiros, mas irrisória diante dos ganhos dos donos dos principais escritórios de advocacia do país. Mas quem opta por ser ministro sabe disso.

A chegada ao STF não pode ser um processo de formação de networking. Ministros podem dar aulas, mas não deveriam poder ser sócios de faculdades e de outras instituições de ensino, como Gilmar Mendes e de André Mendonça. Eles não podem ser empresários.

Parentes diretos de integrantes da corte, como pais, cônjuges e filhos, também não poderiam ser sócios ou funcionários de escritórios de advocacia que representem pessoas ou empresas que tenham processos no STF. Isso seria fundamental para impedir qualquer tipo de suspeição, por mais irresponsável e caluniosa que seja.

Não são razoáveis os casos das mulheres, respectivamente, dos ministros Dias Toffoli e Alexandre de

Moraes, que advogaram para a J&F e para o Banco Master. Em 2023, Toffoli suspendeu multa de R\$ 10,3 bilhões ao J&F; o escritório de Viviane Barci de Moraes, mulher do relator dos processos da tentativa golpista, recebia R\$ 3,6 milhões mensais do Master.

Seria irresponsável e incorreto fazer qualquer ilação que insinue uma relação entre os contratos das advogadas e eventuais decisões, pretéritas ou futuras, de seus maridos. Mas é do interesse do país que esse tipo de desconfiança não possa existir, já que mina a credibilidade da própria instituição.

E segue a lista de não: ministros do STF não podem participar de eventos bancados por empresas, no Brasil e no exterior. Não podem aceitar favores como viagens em aviões particulares ou hospedagem em hotéis que exibem constelações de estrelas. Ninguém joga dinheiro fora, empresários que bancam tais eventos o fazem na expectativa de, pelo menos, angariar simpatias de quem tem o direito de errar por último.

Na ditadura, reportagem do jornal O Estado de S.Paulo nasceu clássica ao apontar para as mordomias da elite política federal; o fato gerou uma discussão que, aos poucos, estabeleceu critérios básicos para o comportamento de agentes públicos, do Executivo e do Legislativo. O Judiciário, com seu poder de mandar prender e de mandar soltar, até hoje resiste, insiste em chamar privilégio de direito. Presidente do STF, Edson Fachin enfrenta resistências internas para estabelecer um código de ética para a instituição - como como gosta de, do alto de seu topete, repetir Wander Pires, um dos maiores intérpretes das escolas de samba, a hora é essa.

## Tales Faria

## Tarcísio de Freitas e Gilberto Kassab apontam caminhos separados

O secretário de Governo de São Paulo, Gilberto Kassab, que também é presidente nacional do PSD, está dando sinais a aliados no estado de uma possível separação do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), de quem sempre esteve muito próximo.

Se tem uma notícia que corre feito um raio entre os políticos é quando adversários e aliados começam a preparar equipes para campanhas eleitorais.

Tarcísio já está com sua equipe adiantada e, segundo aliados, tem toda a pinta de que é turma para a campanha à reeleição. Mais ou menos o pessoal que já está com ele no momento.

Já o secretário Kassab tem chamado a atenção pelos movimentos que vem fazendo na busca de mão de obra. Não é coisa para candidatura de deputado federal, nem senador. As conversas no meio especializado são de que o presidente do PSD prepara equipe robusta para uma eleição de governador de São Paulo.

Enquanto Tarcísio não dá sinais de que pretenda se desincompatibilizar do cargo, Kassab, segundo aliados, tem mostrado que está pronto para se afastar da Secretaria de Governo.

Segundo a Justiça eleitoral, para concorrer às eleições de 2026, Kassab terá que se desincompatibilizar do poder Executivo até abril.

O mesmo prazo teria que ser cumprido por Tarcísio, se, em vez da reeleição, ele tivesse mesmo disposto a disputar a Presidência da República contra o petista Luiz Inácio Lula da Silva.

A avaliação dos aliados do governador é de que

abril é um prazo muito apertado para ele desistir da reeleição. E muito distante do pleito para o governador ficar dependente, como candidato a presidente, dos humores da família Bolsonaro.

Tarcísio não quer ser candidato tendo o filho dos ex-presidente, senador Flávio Bolsonaro (PL), como adversário. Ou qualquer outro nome do clã. Isso seria o mesmo que não ter o apoio de Bolsonaro.

Mas o governador e o centrão acreditam que seria eleitoralmente tóxico ter o sobrenome Bolsonaro na chapa. Passaria o recado de que, na verdade, o ex-presidente mandará no eventual governo e os demais aliados ficarão em segundo plano.

Por outro lado, o governador e seus aliados avaliam que o apoio do ex-presidente pode trazer votos, desde que à certa distância, como agora que ele está preso na sede da Polícia Federal.

Foi mais ou menos isso que os presidentes do PP, Ciro Nogueira, e do União Brasil, Antonio Rueda, fizeram ver a Flávio Bolsonaro no encontro que mantiveram em Brasília, na segunda-feira, 8.

No encontro, Rueda e Ciro também deixaram claro, por consequência, que não apoiariam Flávio como candidato do centrão a presidente.

Se, de fato, Tarcísio decidir se candidatar à reeleição em São Paulo, os caciques do centrão apontam para o governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD) como candidato preferido.

O governador de Goiás, Ronaldo Caiado, que é do União Brasil, sabe disso. Ele já tem procurado outras legendas que estejam dispostas a dar abrigo para sua candidatura a presidente da República.

## EDITORIAL

## O sucesso do audiovisual brasileiro

A ascensão de O Agente Secreto ao centro das atenções do cinema internacional marca um momento raro para o audiovisual brasileiro. Em meio a um mercado global competitivo, onde produções norte-americanas e europeias costumam dominar o circuito de premiações, o sucesso do filme representa não apenas um triunfo artístico, mas também uma vitória política e cultural. Suas indicações ao Globo de Ouro 2026 funcionam como um selo de legitimidade para uma indústria que, apesar das dificuldades estruturais, sempre mostrou talento, inventividade e capacidade de diálogo com temas universais.

O longa conquista o público ao combinar entretenimento de ritmo acelerado com uma profundidade emocional pouco comum no gênero de espionagem. Não se trata apenas de perseguições coreografadas ou reviravoltas calculadas; o filme aposta em personagens complexos, movidos por dilemas éticos e afetivos reconhecíveis. Essa mistura talvez explique por que espectadores de diferentes países acolheram tão bem a obra. O filme prova que narrativas de ação podem carregar densidade, identidade e crítica social sem perder

apelo comercial.

As indicações ao Globo de Ouro são, portanto, consequência natural de um fenômeno que começou nas salas brasileiras e rapidamente se espalhou. Elas mostram que o cinema nacional pode competir em pé de igualdade quando dispõe de investimento consistente, liberdade criativa e estratégia de distribuição eficaz. Mais do que celebrar um título isolado, o reconhecimento internacional ilumina toda uma cadeia de profissionais: roteiristas, diretores, fotógrafos, técnicos e atores que, há anos, constroem uma filmografia rica, embora nem sempre valorizada.

É inevitável enxergar nesse momento um ponto de virada. O Agente Secreto lembra ao mundo que o Brasil não precisa limitar-se a dramas intimistas ou comédias de bilheteria para ocupar espaço no panorama global. Podemos entregar obras ousadas, tecnicamente robustas e narrativamente sofisticadas. Se o filme vencer ou não o Globo de Ouro, pouco importa frente ao impacto já alcançado: ele reabre portas, renova imaginários e recoloca o cinema brasileiro no mapa da grande indústria. E esse, por si só, já é um prêmio inestimável.

## Opinião do leitor

## Barricada Zero

Há um provérbio chinês escrito há mais de mil anos de autoria do filósofo Lao Tsé, que afirma “Uma jornada de mil milhas começa com o primeiro passo”. Chegamos à conclusão, que toda grande realização é construída a partir de pequenas ações iniciais. Parabéns ao Governo do Rio por essa nobre iniciativa de proteger as pessoas do bem.

Luiz Felipe Schittini  
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)  
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)  
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)  
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.